

LT-157



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

Reduplicação Verbal na Língua Chope

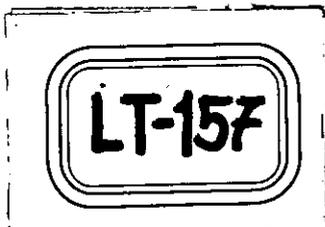
Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção
do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

Augusto Fernando Nombora

UEM. - FLCS.
R. E. 31226
DATA. 03.04.2005
AQUISIÇÃO. aberta
COTA. LT-157

Maputo, 2005

~~UEM. - FLCS.
R. E. 31226
DATA. 03.04.2005
AQUISIÇÃO. aberta
COTA. HT-183~~



REDUPLICAÇÃO VERBAL NA LÍNGUA CHOPE

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane por:

Augusto Fernando Nombora

Departamento de Linguística e Literatura

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

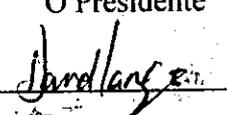
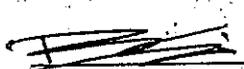
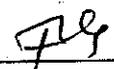
Universidade Eduardo Mondlane

U.E.M. - F.L.C.S.

R. E.	31226
DATA	03 / 04 / 06
AQUISIÇÃO	03/04/06
COTA	HT-18/LT-157

Supervisor: Prof. Doutor Bento Siteo

Maputo, 2005

O Júri:			Data
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	
			20/03/06

DECLARAÇÃO

“Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal”.

DEDICATÓRIA

À memória do meu avô Nombora Tambuze Ngalengale que Deus tem. Tanto desejou ver-me formado ao nível dos meus anseios. Hoje, realizei o teu desejo Avô.

Humula ngukurula!

AGRADECIMENTOS

Desejo neste espaço expressar a minha gratidão a todos aqueles que de forma directa ou indirecta me deram alento para que a presente se tornasse uma realidade.

Em primeiro lugar a meu muito obrigado ao meu Supervisor, o Prof. Doutor Bento Siteo pela disponibilidade e pela forma criteriosa com que direccionou este trabalho. O diálogo que sempre privilegiou em todos os momentos de supervisão, sem perder de vista o carácter científico do trabalho que tinha por orientar. "Xikwembu Muvangi wahina axiku engeseli masiku".

À minha esposa Luciana Julião Setele Nombora, que durante os cinco anos da minha formação além da função de mãe consentiu assumir também o papel de pai, no meio de tantas dificuldades. Muito obrigado.

Aos meus filhos por terem aceite com muita naturalidade as insuficiências por que passaram. Procurem ir mais além... À minha mãe e minha avó e ao tio Dom Alberto pelo material didáctico que na medida do possível foi providenciando e pelas palavras de encorajamento vão os meus agradecimentos.

A todos os Docentes, Carlitos Companhia, Manuel Guissemo, David Langa, Pedro Afido / Mucamissa, Feliciano Chimbutane, Perpétua Gonçalves, Lusidia Filimone, Aurélio Simango, Alberto Mulenga / Xavier Muianga, Benilde Vieira, Balbina Muthemba, , Julieta Langa, Lourenço Do Rosário, Bento Siteo, Nhaombe, Gregório Firmino, Armindo Ngunga, Almiro Lobo, Gilberto Matusse, Francisco Noa, Aurélio

Cuna, Mércia, Armando Jorge, entre outros, que em mim investiram o seu capital intelectual, hoje podem colher com "juros".

Quero também deixar os agradecimentos aos colegas Sertório, Manhique, Canhembra, Názia, Jadir Fernanda Chirindza, Cândido David, Penicela, e Ricardo Dimande entre outros pelo apoio moral que sempre me emprestaram. A todos BEM HAJA!

Resumo geral

O presente trabalho cujo tema é Reduplicação verbal na língua chope, constituído por cinco capítulos, tem por finalidade realizar um estudo descritivo dos mecanismos que regem a reduplicação dos verbos nesta língua.

No capítulo I faz-se um enquadramento geral do tema em estudo. Neste destacam-se os objectivos, as razões da escolha do tema, a metodologia usada na recolha de dados a hipótese e aspectos inerentes à localização espacial da língua e seus falantes.

No capítulo II discute-se os conceitos básicos suportes do nosso estudo, com base nos pontos de vista de diferentes autores. Os diferentes pontos de vista apresentados convergem num aspecto: a reduplicação é um processo que consiste na repetição de uma parte ou de toda a palavra. Discute-se ainda os processos de formação de palavras inerentes à reduplicação.

O capítulo III refere à metodologia de que nos servimos para a obtenção de dados que foram objecto de análise

No capítulo IV descreve-se a reduplicação verbal na língua chope, interpretando os dados tendo em conta a estrutura dos radicais verbais -CVC-, mais longos e terminando pelos do tipo -C-.

O capítulo V último, apresenta as conclusões decorrentes da análise e descrição de dados, e por fim as recomendações, que são os aspectos que julgamos poderem merecer atenção nos próximos trabalhos de investigação.

INDICE

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 OBJECTIVOS DO ESTUDO	2
1.2 MOTIVAÇÃO DO ESTUDO	2
1.3 METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS	3
1.4 PROBLEMA E HIPÓTESE	4
2. A LÍNGUA EM ESTUDO E SEUS FALANTES	4
3. ESTRUTURA DO TRABALHO	6
CAPÍTULO II: QUADRO TEÓRICO E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	7
1. QUADRO TEÓRICO	7
1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	7
2.1 O VERBO	8
2.2 A ESTRUTURA DO VERBO	9
2.3 DISCUSSÃO DO CONCEITO RAIZ.....	12
2.4 O CONCEITO: RADICAL	12
2.5 A REDUPLICAÇÃO VERBAL	13
2.6 TIPOS DE REDUPLICAÇÃO	16
2.6.1 <i>Reduplicação parcial</i>	16
2.6.2 <i>Reduplicação total ou completa normal</i>	17

2.7 A INTENÇÃO (FINALIDADE) COMUNICATIVA DA REDUPLICAÇÃO.....	18
CAPÍTULO III: METODOLOGIA	19
1. METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS.....	19
2. A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	20
IV. ANÁLISE DE DADOS.....	20
1.A REDUPLICAÇÃO VERBAL NA LÍNGUA CHOPE	20
1.1- A REDUPLICAÇÃO TOTAL NORMAL EM:	25
<i>1.1.1 Verbos de estrutura -CVC – e mais longa.....</i>	<i>25</i>
1.2 A REDUPLICAÇÃO PARCIAL	31
1. REDUPLICAÇÃO DE RADICAIS VERBAIS DE ESTRUTURA DO TIPO -C-.....	35
V- CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	41
1. CONCLUSÕES	41
2. RECOMENDAÇÕES	43
BIBLIOGRAFIA.....	44

1. Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso pretende descrever o processo de reduplicação verbal na língua Chope. O termo Chope é o usual na língua portuguesa mas, segundo os usos dos falantes diz-se e se escreve Cicopi, designação adoptada no Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.

Aqui neste trabalho, usaremos a designação aportuguesada isto é, Chope, palavra usada em português para nomear a língua do grupo bantu falada no sul de Moçambique.

De acordo com Correia (1973), o termo chope para designar os falantes desta língua "data do século XIX" e foi dado pelos Ngunis, povo proveniente do sul de Moçambique, "à população que se estende ao longo da costa aproximadamente entre Xai-Xai e Inharrime e para o interior vai até Manjacaze". A nomeação adveio "do facto de arremessarem flechas com grandes arcos -KUTCHOPA" Esta designação é discutível, pois, deriva de "uma única feição cultural, insuficiente para caracterizar a cultura em que se insere." (idem:4)

O reduplicação, conceito nuclear deste trabalho, é um fenómeno linguístico reivindicado quer pela Fonologia quer pela Morfologia e, dada a sua importância, tem sido objecto de estudo de muitos especialistas da área. Aqui, procuramos centrar a nossa análise ao processo Morfológico, pelo facto de a reduplicação ser um processo que gera novas palavras partindo da repetição de toda a palavra ou apenas de uma parte dela.

O fenómeno linguístico designado reduplicação, segundo Fortune (1957), existe não somente em verbos mas também em outras categorias lexicais como nomes, adjectivos e advérbios.

Este ocorre não somente nas línguas do grupo bantu como em Xichangana, Nsenga, Yao, Guitonga, Cicopi etc. mas, também em outras línguas como em Agta; Yidin, Madurese e Tagalog faladas fundamentalmente no extremo oriente, em algumas línguas europeias, tal é o caso do Latim em que o morfema que se repete exprime marca de tempo e em Turco para exprimir tamanho (aumentativo) em nomes (Ngunga:2004).

1.1 Objectivos do estudo

O estudo tem como objectivo fazer a descrição do processo morfológico designado reduplicação, com enfoque para a reduplicação verbal; e examinar as relações morfossintáticas entre os morfemas envolvidas no processo reduplicativo.

Na descrição procuramos identificar todo o tipo de estruturas lexicais que condicionam a ocorrência do fenómeno e num segundo momento fazemos alusão àquelas que repelem ou cuja natureza não permite que se opere a reduplicação.

1.2 Motivação do estudo

Despertou-nos interesse de realizar este estudo o facto de termos verificado que a reduplicação ocorre em muitas línguas do mundo e nas do grupo bantu incluindo a língua chope e, nos tempos que correm estudos sobre a matéria

foram realizados em algumas línguas nacionais mas nesta que seleccionamos ainda não encontramos nenhum escrito documentando algum estudo realizado sobre a matéria ou fenómeno em referência na língua.

Pretendemos compreender como é que a reduplicação se realiza, e até que ponto a língua chope se assemelha com outras do grupo.

E também nosso interesse contribuir para a valorização desta língua em particular com algo documentado sobre ela, no quadro geral da valorização de todas as línguas bantu faladas no nosso país. É do nosso desejo que o presente trabalho possa ser um contributo para a compreensão do funcionamento desta língua e quiçá possa também de algum modo servir como suporte na produção de material didáctico com aplicação no processo de ensino do chope nos subsistemas do ensino primário do nosso país, no quadro da introdução das línguas bantu no processo de ensino-aprendizagem.

1.3 Metodologia de recolha de dados

Para a recolha de dados empíricos nesta língua servimo-nos servir de algum conhecimento que temos sobre ela o método introspectivo. Outra parte de dados foi com base em consulta a outros falantes. Ainda, procuramos obter mais dados linguísticos através da pesquisa documental, definida por Giddens (1997:812) como “uso sistemático de materiais escritos e impressos”, assim, fizemos a recolha de verbos em alguns trabalhos escritos existentes na língua como a Gramática da língua Chope de Dos Santos, (1941) e o ABC das Escolas Comunitárias de Maheme, (2003).

De seguida vamos formular o problema e a hipótese que servirá de guia no decurso da nossa investigação.

1.4 Problema e Hipótese

No estudo da formação de palavras em línguas bantu refere-se que a reduplicação é um dos mecanismos muito produtivos para gerar novas palavras a partir de outras existentes e que essas palavras adquirem um sentido diferente das primitivas (Katamba 1993, Spencer 1991 e Langa 2001).

Sendo assim, é para nós mister saber: Será que na língua Chope a reduplicação é sempre um processo produtivo que gera novas palavras? Se sim, que relação têm as novas palavras com as primitivas? Se não, que factores determinam a restrição à produtividade do processo?

Para este problema, a nossa possível e provisória resposta é que a reduplicação verbal é um processo sempre produtivo e que gera novas palavras semanticamente diferentes das primitivas. A restrição à produtividade da reduplicação tem motivações morfológicas ou morfofonológicas.

2. A língua em estudo e seus falantes

Chope é uma língua do grupo bantu como atrás nos referimos falada na zona sul de Moçambique. Segundo a classificação de Guthrie (1967/71) esta língua é codificada através do símbolo S 61.

Doke (1945) citado por Cole (19661)¹, na sua classificação das línguas bantu faladas em Moçambique, codifica Chope como língua 60/5/1.

Os estudiosos moçambicanos que se dedicaram à análise das línguas Bantu de Moçambique, quase todos tomaram como referência no capítulo de classificação destas a que foi apresentada por Guthrie (1967/71), tais como Ngunga (2004), Siteo (1996), Katupha (1985) e outros. Contudo, estes uniformizaram as diferentes formas de classificação adoptando a convencionada pelo NELIMO (1989).

Segundo Siteo e Ngunga (2000) a língua Chope é predominantemente falada nas províncias de Inhambane, nos Distritos de Zavala, Inharrime, Homoine e Panda. Ainda existe uma pequena zona falante desta nos arredores do município da cidade de Inhambane. Em Gaza é falada nos Distritos de Manjacaze (Sede e Posto Administrativo de Chidenguele), também no Posto Administrativo de Chongoene do Distrito de Xai-Xai bem como uma parte de Chibuto além de uma parte significativa de falantes habitantes da cidade e Província do Maputo.

O último censo populacional (1997) aponta que Chope tem cerca de 245.591 falantes em todo o país que se dividem em seis variedades a saber:

- Cindoje, falada em Inharrime e quanto a nós ate o limite com Jangamo.
- Cilengue, falada em Chidenguele, Nhamavila e parte de Chongoene.
- Cicopi, variante falada de Mavila até Madendere a qual é tomada como de referência ou Padrão.

¹ Em Ngunga (2004)

— Cilambwe, variedade que se fala junto do lago Quissico e parte oriental de Chidenguele.

— Cikhambane, variante falada em Homoine, partes dos distritos de Panda, Manjacaze e Chibuto.

— Citonga, cujo território se estende entre Mavila, Quissico, Guilundo e quanto aos nossos dados até ao limite com Inharrime e não com Jangamo como refere Siteo e Ngunga (2000).

Citonga será a variante objecto do nosso estudo. A escolha desta variante prende-se com o facto de ser a variante que falamos com certa propriedade o que de certo modo nos facilitará o julgamento dos fenómenos linguísticos, aliado ao facto de nos oferecer um amplo campo de informantes à nossa volta.

3. Estrutura do trabalho

Este trabalho é composto por cinco capítulos, obedecendo à seguinte sequência:

Capítulo I: apresenta aspectos introdutórios como objectivos do estudo, motivação, a metodologia usada para a recolha de dados, problema que se pretende explicar, hipótese e informações básicas sobre a língua de estudo.

Capítulo II: Enquadramento teórico e Revisão Bibliográfica. Discutem-se os conceitos básicos, os diferentes pontos de vista referentes ao tema encontrados em trabalhos anteriores.

Capítulo III: Metodologia de recolha de dados. Relata o método de que nos servimos para a obtenção dos dados empíricos que sustentam o nosso trabalho.

Capítulo IV: Análise de dados. Consiste na interpretação dos dados, isto é, descrever a reduplicação verbal na língua Choze e respectiva fundamentação.

Capítulo V: Conclusões e Recomendações. Contempla as ilações finais resultantes da interpretação de dados apresentados.

CAPÍTULO II: QUADRO TEÓRICO E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1- Quadro Teórico

Após a apresentação de alguns aspectos preliminares de carácter introdutório sobre o próprio trabalho e a língua de estudo em particular, no capítulo que segue vamos apresentar os suportes teóricos básicos. Sem nos cingimos a um princípio teórico específico, procuramos aproveitar o que de melhor existe nos diferentes quadros teóricos.

O estudo que ora apresentamos é uma análise descritiva dos mecanismos morfológicos que regem a reduplicação dos verbos, isto é, aqueles que a propiciam e aqueles que são restritivos.

2- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Como pudemos aludir no ponto anterior, o nosso estudo limitar-se-á a uma análise descritiva da reduplicação a nível do verbo.

Todavia, antes da análise e descrição que nos propomos levar a efeito, vamos discutir alguns conceitos operatórios dos quais nos iremos socorrer de forma recorrente ao longo do trabalho.

O conceito reduplicação constitui um caso especial de afixos extremamente variáveis em que o afixo é idêntico a algum aspecto do seu ambiente

Para descrever estados e situações podemos ilustrar com exemplos seguintes:

4) Xichangana: kuhatima 'relampejar'

kukwata 'estar aborrecido'

5) Gitonga: gulila 'chorar'

guleva 'estar embriagado'

6) Chope : kuluala 'estar doente'

kuphumala 'escurecer'

Também julgamos a devida a o ângulo da nossa abordagem a perspectiva de Cunha e Cintra (2001), ao definirem o verbo como uma palavra variável. Pois, a flexibilidade estrutural deste visa adequá-lo a diferentes morfemas que nele se adjuntam ou acoplam particularmente na forma de radical ou de base verbal com finalidades referenciais diversificados, tal é o caso da marca se sujeito (MS) que refere ao elemento sobre o qual se faz a afirmação, o momento ou tempo em que a acção, facto têm lugar; marca de objecto (MO) etc.

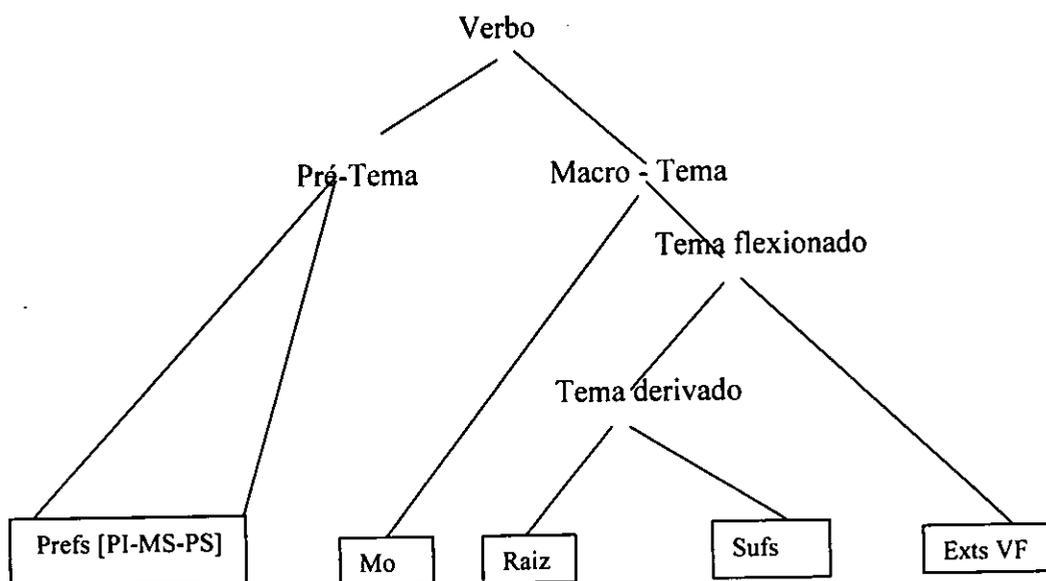
Daqui podemos concluir que o verbo envolve uma estrutura complexa desmontável em constituintes. De seguida vamos apresentar a estrutura dos verbos.

2.2 A estrutura do verbo

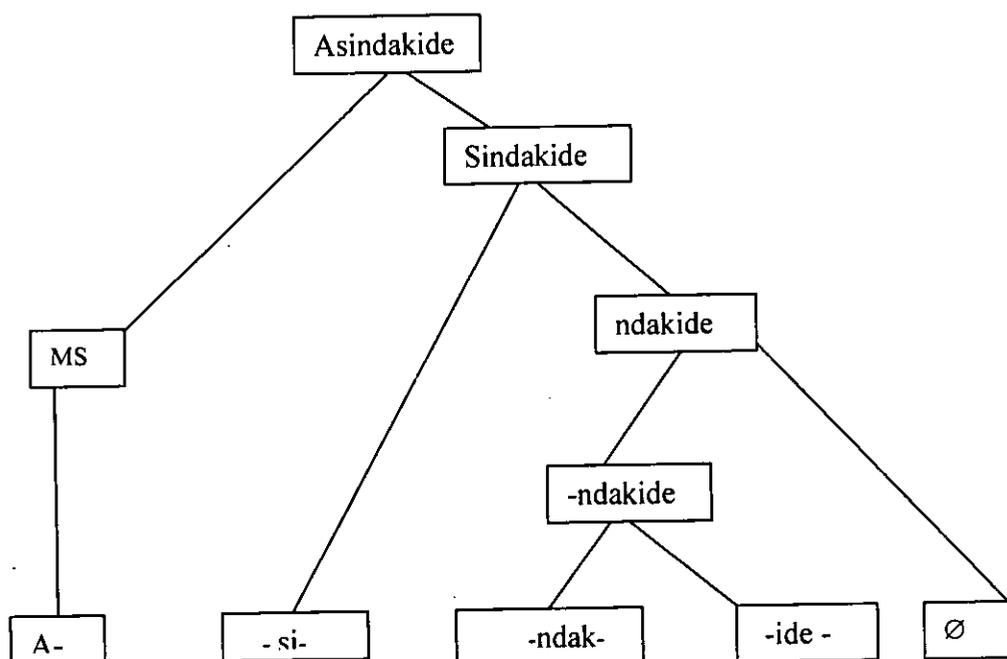
Como foi referenciado no parágrafo anterior, o verbo, é um item lexical com uma estrutura complexa. Esta complexidade varia de língua para língua Ngunga (2004) e, por essa razão, há várias formas de representá-la. Chimbutane (2000) privilegia uma representação horizontal da seguinte maneira: [Pref [Radical verbal] Vogal final]. Esta representação, na nossa análise entende²⁸ que coloca

os diferentes constituintes verbais ao mesmo nível, o que nos parece não ser adequado.

Reconhecendo a complexidade morfológica dos verbos das línguas bantu, Ngunga (2004), apresenta uma representação em diagrama isto é a vertical, como documenta o seguinte exemplo:



Com base no diagrama acima, a seguir passamos a representar a estrutura de um verbo na língua de estudo.



Esta representação é funcional em quase todos os verbos das línguas bantu. Contudo, entre a forma de representação apresentada por Ngunga (2004) e a usada por Chimbutane (2000), para nós, a segunda forma, para além de transparecer que todos os constituintes do complexo verbal ocorrem ao mesmo nível, peca por ser demasiado geral e superficial sugerindo que na periferia à direita do radical apenas ocorre a vogal final sem outros afixos (sufixos). A representação usada por Ngunga (idem) é a que melhor ilustra a estrutura dos verbos nas línguas bantu por isso privilegiámo-la para este trabalho.

Da estrutura geral dos verbos como se deu a observar anteriormente, constata-se que estes são constituídos por pequenas unidades de significação

(morfemas), de entre os quais a raiz. Assim, passamos à discussão deste conceito.

2.3 Discussão do conceito Raiz

Luft (1986:73) citando Saussure (1949:255) afirma que a raiz é “um elemento irreduzível e comum a todas as palavras de uma mesma família ou elemento em que o sentido comum a todas as palavras aparentadas atinge o máximo de abstracção e de generalidade”.

Ainda Luft postula que a raiz, é o menor segmento significativo das palavras excluídos a vogal temática, prefixos e sufixos. Posição idêntica é sustentada por Xavier & Mateus (1992:321). Destes postulados se pode perceber que a raiz é o núcleo a partir do qual se geram outras unidades lexicais.

2.4O conceito: Radical

Cunha & Cintra (2001:59), definem o radical como “morfema lexical que irmana as palavras da mesma família e lhes transmite uma base comum de significação.” Para Xavier & Mateus (1992), radical é o constituinte da palavra que contém o significado lexical excluindo os afixos de flexão podendo porém incluir os derivacionais. Também pode se afirmar que é a parte da palavra que resta quando suprimidas as desinências e a vogal temática Luft (1986). Ao radical a crescido de vogal temática se dá o nome de **Tema** (idem). Todavia, Ngunga (2004:152) refere que “em línguas bantu, não há vogal temática, o que existe é uma vogal final invariável, no infinitivo de todos os verbos”. Nestas

Este conceito é definido por Azuaga (1996) citado por Faria et al como parte da Linguística cujo objectivo de estudo é a palavra, sua estrutura interna, organização dos seus constituintes e o modo como essa estrutura reflecte a relação com outras palavras. Ideia semelhante é expressa por Luft (1986) quando afirma que a morfologia se ocupa do sistema morfológico da língua, aspecto formal das palavras (estrutura, formação), aspecto semântico, categorias gramaticais e flexão.

A morfologia subdivide-se em Derivacional e morfologia flexional. É ideia comum entre Linguistas que a morfologia flexional se preocupa com a condução dos processos de formação de novas formas da mesma palavra através de mecanismos de afixação, enquanto que a morfologia derivacional se ocupa da criação de novas unidades lexicais. Contudo, nem sempre há unanimidade na classificação dos processos flexional e derivacional, pois, os processos que numa língua são classificados como flexionais noutra língua podem ser vistos como derivacionais Katamba (1993). Certo porém, é que os dois processos operam-se através de adjunção de alguns morfemas a preferia à esquerda da base ou radical, processo designado prefixação, ou a preferia à direita, a sufixação. Quer o primeiro como o segundo processos dão origem a novas palavras semanticamente diferentes da sua raiz.

Partindo desta constatação, podemos sustentar a hipótese segundo a qual a reduplicação insere-se no domínio da morfologia derivacional.

Langa (2001) afirma também que, a reduplicação pode mudar semanticamente as bases sobre as quais se associa o morfema reduplicante e, sendo assim,

conclui-se, que a reduplicação se enquadra no domínio da morfologia flexional.

Deste modo, temos a concluir que a reduplicação congrega os dois processos que acabamos de referir: a derivação e a flexão

Por exemplo, a nível dos nomes, a reduplicação é um processo aplicado para indicar o plural Bauer(1988).

Jensen (1990) ilustra este facto com os seguintes dados de uma língua falada na Indonésia, o Malaio:

(1) Forma n/ reduplicada		Forma reduplicada	
Rumah	'casa'	rumah <u>rumah</u>	'casas'
Kursi	'cadeira'	kursi <u>kursi</u>	'cadeiras'
Ibu	'mãe'	ibu <u>ibu</u>	'mães'

Nos exemplos acima temos evidências de que a reduplicação é um processo morfológico flexional pois, além da alteração do número nos nomes não cria nenhuma mudança semântica ao reduplicado

Porém, há mudança semântica das bases sempre que se deseja exprimir ideia de repetição ou frequência. Aí, actua o processo morfológico derivacional, pois, a adjunção de um morfema reduplicante sobre a base gera uma nova palavra com sentido diferente daquela.

Bosch (1988) fundamenta com alguns exemplos de Isizulu:

(2) Isizulu: forma não reduplicada		forma reduplicada	
-hamba	'andar'	-hambah <u>hamba</u>	'andar um pouco'
-dlala	'brincar'	-dlalad <u>dlala</u>	'brincar um pouco'

Os exemplos que acabamos de apresentar sustentados com postulados de alguns estudiosos da matéria são evidência de que, a reduplicação é um processo morfológico. Mas, existem outros estudiosos como Spencer (1991) que consideram-na processo fonológico. Assim o afirmam porque a reduplicação tem a ver com o número de sílabas do afixo adjunto à raiz, se do tipo monossilábico ou dissilábico, cuja ocorrência cria alterações fonológicas. Todavia, este não é o âmbito deste trabalho.

2.6 Tipos de reduplicação

Vários autores sustentam que, de acordo com a extensão do reduplicante, o fenómeno linguístico designado reduplicação, pode ser classificado em parcial e total ou completa. Em que consiste cada tipo de reduplicação? Vamos discutir os caso a caso.

2.6.1 Reduplicação parcial

Citando Jensen (1990), Ngunga (2004) define a reduplicação parcial como aquela em que há repetição de uma parte do tema ou da base.

Ngunga (ibid) acrescenta que nas línguas bantu, os verbos parcialmente reduplicados constituem unidades lexicais autónomas, em que somente uma sílaba é copiada. Essa sílaba repetida não pode ser separada do resto da palavra, pois, separando-a produz-se uma palavra agramatical ou palavra sem nenhuma relação com a reduplicada. Observe-se os exemplos abaixo da língua Chope:

- (3) -tsetseta 'peneirar'
 -dudumela 'tremar'

-peperuka ‘aventurar’

*-tseta

-dumela ‘agredir’

*-peruka

A parte sublinhada é da nossa autoria e pretendemos destacar a parte parcialmente reduplicada.

Do ponto de vista semântico, “as formas parcialmente reduplicadas indicam micro-repetições da acção ou evento a nível interno do tema verbal. Isto é, a acção ou o evento que externamente parece ser único, internamente constitui um conjunto de repetições.” Ngunga (1998:8)

2.6.2 Reduplicação total ou completa normal

Consiste num “processo morfológico em que o reduplicante e a base são idênticos a nível segmenta” (idem). Semelhante definição é dada por Jensen (1990) ao referir que se uma palavra no seu todo for repetida, a reduplicação é total.

Veja-se alguns exemplos deste tipo de reduplicação em Xichangana:

(4) -phindaphinda ‘repetir várias vezes’

-jikajika ‘dar voltas repetidamente’

-khomakhoma ‘pegar repetidamente’

Este exemplo (4) confirma que na reduplicação total normal há uma cópia plena do reduplicado pelo reduplicante, para exprimir a frequência da acção referida pelo verbo.

línguas, o tema verbal, “é a parte do verbo que inclui, para além do radical, também os sufixos flexionais”idem (2004:151).

Será este conceito operatório para a nossa análise, atendendo que o trabalho versa estudo de verbos de uma língua bantu.

Retomando a discussão do conceito radical, refere-se que; a afixação de morfemas derivacionais (geralmente marcas de tempo) sobre o radical cria o que Ngunga (2004) designa radicais derivados. Caso contrário, são radicais não derivados.

Este tipo de radicais pode apresentar estruturas diferentes, como curta: -C- , -CVC-; e estrutura mais longa -CVCVC-.

De acordo com os nossos dados, os radicais do primeiro tipo são os menos numerosos em relação aos restantes. Mais adiante abordaremos o comportamento destes tipos de radicais caso a caso.

Seguidamente passamos à discussão do conceito nuclear deste trabalho, a reduplicação.

2.5 A reduplicação verbal

No processo da reduplicação, os morfemas reduplicantes podem ocorrer em diferentes posições do radical ou da raiz de todas as categorias lexicais. Como referimos no início deste capítulo, os afixos reduplicantes apresentam-se na forma de prefixo, de infixos e de sufixos. Em todas estas posições a adição de morfemas reduplicantes gera novos itens lexicais. Por isso, os processos da reduplicação podem ser enquadrados numa disciplina da Linguística, a Morfologia.

2.7 A Intenção (finalidade) comunicativa da reduplicação

Como pudemos referir anteriormente, a reduplicação é um recurso linguístico típico de algumas línguas do mundo para exprimir repetição, frequência, mas também se usa como atenuativo, vide o exemplo (2), para indicar o plural exemplo (1), e para designar o modo perfectivo (Matthews 1974).

Ngunga (2004:184) acrescenta que “a reduplicação verbal é usada para indicar que o sujeito da acção ou do acontecimento expresso pelo verbo é plural.

Observe-se o exemplo (5) sobre essa ocorrência na língua Yao:

Forma n/ reduplicada	significado	forma reduplicada	significado
a. teela jigwiile	‘uma árvore caiu’	miteela <u>jigwiile-gwiile</u>	‘muitas árvores caíram’
b. muundu agonile	‘uma pessoa dormiu’	vaandu <u>agonile-gonile</u>	‘muitas pessoas dormiram’

“Nem em jigwiile-gwiile nem em agonile-gonile querem que os sujeitos tenham caído muitas vezes ou tenham dormido repetidamente” (ibid)

Matthews (1974) refere que também existem línguas como o Latim, que recorrem à reduplicação para designar o modo perfectivo.

(6) A reduplicação como recurso linguístico para exprimir o perfectivo em latim.

Forma n/ reduplicada	significado	forma reduplicada	significado
Felli	‘enganar’	fefelli	‘enganei’
Spondeo	‘prometer’	spopondi	‘prometi’
Mord	‘morder’	momordi	‘mordi’

Santos, Luiz Feliciano (1941), e no de Maheme, António Fonseca (2003). O ABC das Escolas Comunitárias.

Com este rol de dados constituímos os verbos reduplicados e de novo procurámos confirmar aos nossos entrevistados da gramaticalidade ou não dos verbos reduplicados por nós formados, na medida em que alguns suscitavam em nós próprios certas dúvidas.

2. A constituição do corpus

O nosso corpus é formado por cerca de cento e cinquenta verbos parcial e totalmente reduplicados, divididos em dois anexos, sendo o anexo I, o de verbos monossilábicos não reduplicados e reduplicados, e o anexo II contendo verbos dissilábico e polissilábicos também reduplicados.

IV. Análise de dados

Neste capítulo procedemos à análise do corpus que pudemos reunir, e como estratégia de análise, nos verbos reduplicados separamos o reduplicante do reduplicado através do hífen, não que tal procedimento resulte de uma prescrição gramatical ou linguística.

1. A reduplicação verbal na língua Chope

Este é o capítulo em que vamos discutir o principal propósito deste trabalho, a reduplicação verbal em Cicopi (segundo os usos dos falantes, ou Chope em

português), nome de uma língua com um universo de cerca de 245.591 falantes de acordo com o censo da população (1997).

No capítulo em que abordamos os conceitos básicos para este trabalho, constatamos que o radical é o morfema que irmana as palavras da mesma família e transmite-lhes uma mesma base de significação Cunha & Cintra (2001). Observemos os exemplos abaixo:

- (7) a. - kwe - 'subir'
- vet - 'tocar um instrumento musical'
- se - 'beber'
- dim - 'cultivar'

Nesta ilustração em (7a) pode se constatar que os radicais não agregam nenhuns afixos quer flexionais nem derivacionais.

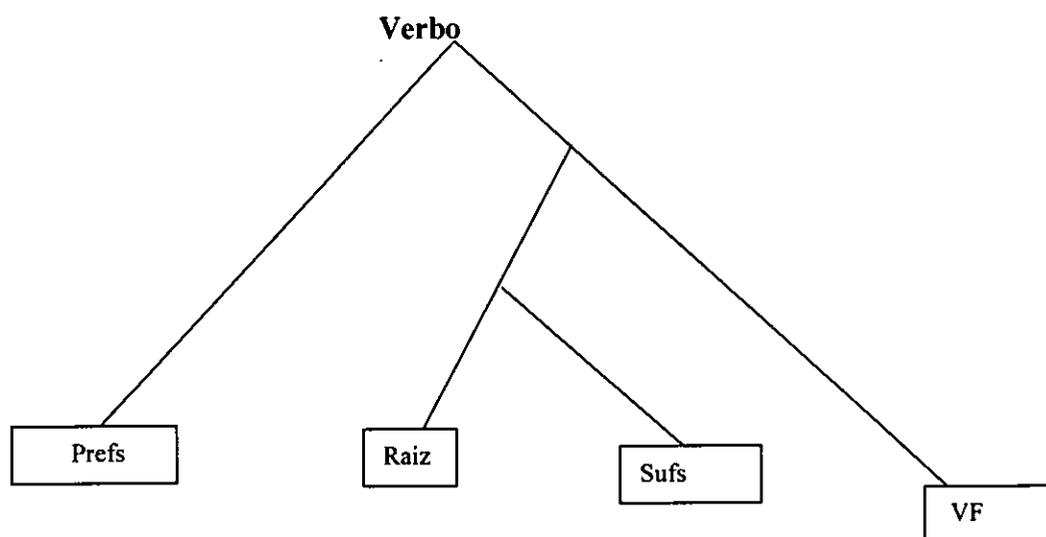
Os mesmos exemplos satisfazem a definição do conceito raiz. Pois, é definido por Xavier & Mateus (1992:321) como "constituente da palavra que contém o significado básico e não inclui afixos derivacionais ou flexionais". Porém, deve-se acrescentar que, os radicais vezes há em que agregam afixos derivacionais (*idem*). Como se pode observar a seguir em (7b).

- (7) b. - kwet 'fazer subir'
-vetis 'fazer alguém tocar instrumento musical'
-set 'fazer alguém beber'
- dimis 'fazer cultivar'

Os exemplos que acabamos de apresentar são representativos de um tipo de radicais, conhecidos como radicais derivados, enquanto que os anteriores (7a) são radicais não derivados. Mateus et al (1989) prefere chamar ao radical derivado de novo radical.

Na língua chope, em qual destes constituíste (radical, radical derivado ou raiz) incide a reduplicação?

Na busca de uma resposta a esta questão, julgamos ser pertinente retomar o diagrama representativo da estrutura simples dos verbos das línguas bantu apresentada por Miranda (2005):



Tomemos em consideração os exemplos abaixo:

- (8) a. - dim- 'cultivar'
 -sel- 'beber'
 -kwel- 'subir'
 -pek- 'bater'
- (8) b. -dima-dima 'cultivar repetidas vezes'
 -sela -sela 'beber repetidas vezes'
 -kwela-kwela 'subir repetidas vezes'
 -peka-peka 'abater repetidas vezes'

Em (8a) estamos perante verbos no infinitivo pois, todos eles, de forma invariável terminam por vogal -a.

Verificamos que, quando ocorre a reduplicação de verbos no infinitivo é uma reduplicação do tipo total normal, na medida em que há uma repetição completa do reduplicado pelo reduplicante (na posição de prefixo).

O exemplo (8b) mostra que o elemento reduplicado é o *tema verbal*, por envolver o radical e a vogal que está como sufixo flexional.

No processo corrente de comunicação, os verbos sempre ocorrem flexionados ou conjugados com referência ao tempo em que o facto, acção ou estado a que aludem aconteceu.

Consideremos os exemplos a seguir:

- (9) a. -ndaka 'saltar'
 - ndaka - ndakide 'saltou repetidamente'
- b. - pata 'juntar'

-pata-patide 'juntou repetidamente'

c. -teca 'levar'

-teka-tekide 'levou repetidamente'

d. -sakana 'brincar'

-sakana-sakanide 'brincou repetidas vezes'

Nos exemplos de verbos que acima apresentamos, flexionados no passado, cuja marca temporal ou simplesmente de tempo é *-ide*, a reduplicação incide sobre a raiz (parte sublinhada) e não sobre o tema verbal. O reduplicante, em todos os verbos conserva a vogal final (VF), sendo omissa no reduplicado, onde é substituída pela marca do tempo anteriormente referida (*-ide*).

A seguir, vamos verificar o comportamento dos radicais verbais flexionados no presente e no futuro, se processam ou não a reduplicação, em que condições.

(10) verbos no presente

a. -haxaniseka 'estamos a sofrer'

-haxaniseka-xaniseka 'estamos a sofrer repetidamente/ constantemente'

b. -hafelengeta 'tapamos ou cobrimos'

-hafelengeta-felengeta 'tapamos ou cobrimos repetidamente'

Nos verbos flexionados no presente apresentados em (10), a reduplicação é de todo o *tema verba*. Atente ao sublinhado.

(11) Verbos no futuro

a. -hina lora 'sonharemos'

- hina lora-lora 'sonharemos repetidamente'

b. -hina ambala 'vestiremos'

-hina ambala-ambala 'vestiremos repetidamente'

(12) -hina dumisa 'faremos funcionar (o motor)'

- hina dumisa – dumisa 'faremos funcionar repetidas vezes (o motor)'

- hina seta 'faremos beber'

-hina seta-seta 'faremos beber repetidamente'

Em verbos flexionados no futuro como se deu a observar no exemplo (11), a reduplicação se processa também sobre o tema verbal e não somente sobre a raiz. Tratando-se de radicais derivados, há repetição de todo o radical derivado.

Destas constatações, concluímos que, nesta língua bantu, a reduplicação pode ocorrer sobre a raiz, sobre o tema verbal (quando os verbos estiverem conjugados no presente e no futuro), e reduplica-se também os radicais derivados, quase todos, nos três tempos verbais antes referidos.

Agora vamos aplicar os conceitos discutidos na revisão da literatura para a análise e interpretação da reduplicação nos dados que arrolamos, dividindo-os em três grupos a saber:

1. verbos de estrutura -CVC-
2. verbos de estrutura mais longa -CVCVC-
3. verbos de estrutura do tipo -C-

1.1- A Reduplicação total normal em:

1.1.1 Verbos de estrutura -CVC – e mais longa

Iniciamos a análise dos verbos com este tipo de estrutura, procurando explicação das modalidades ou mecanismos que neles regem os processos da reduplicação total normal.

Ngunga (1998) postula que este tipo de reduplicação consiste na repetição de toda a palavra, pelo que não é possível distinguir a base do reduplicante, uma vez que surgem totalmente idênticos.

Voltemos a nossa atenção aos dados que seguem:

- | | |
|--------------------|---|
| (13) - bala - bala | 'escrever repetidamente' |
| -bhika-bhika | 'cozinhar repetidamente' |
| -dana -dana | 'chamar repetidamente' |
| -dunda-dunda | 'gostar repetidamente/ muito' |
| -femba-femba | 'farejar repetidamente' |
| -hisa-hisa | 'queimar algo repetidamente ou fazer calor' |
| -pinda-pinda | 'passar repetidamente' |

Estes exemplos corroboram com a definição de Ngunga (1998) acima apresentada, pois, há uma cópia plena do reduplicante quer a nível segmental bem como suprasegmental, na medida em que os verbos reduplicados aqui indicados quase todos mantêm o padrão tonal e o lugar do acento. Contudo, não faz parte deste trabalho a análise de aspectos suprasegmentais.

Os mesmos dados provam-nos que nesta língua, a reduplicação é um recurso que a própria língua encontra para exprimir a repetição ou frequência de acções, vistas por um observador `a distância ou pelo próprio sujeito. Assim, apesar de ser uma língua diferente do Xichangana, não concordamos com Langa (2001:27), ao afirmar que "A reduplicação total em Xichangana é usada para expressar acções iterativas *segundo um ponto de vista de um observador fixo num determinado espaço em que vê ou assiste alguém ou algo a exercer repetidamente a mesma acção*"

Retomando o nosso fio condutor, temos a referir que, os verbos acima reduplicados, todos possuem os seus correspondentes não reduplicados, que têm existência lexical e semântica autónomas. Tais verbos quando reduplicados passam a constituir compostos ou blocos unos que não podem ser submetidos a um segundo processo de reduplicação.

Ilustração:

(14) * -bala -bala -bala -bala

* -bhika -bhika -bhika -bhika

* -dana -dana -dana -dana

* -dund-dunda-dunda-dunda

* -femba-femba-femba-femba

* -hisa-hisa-hisa-hisa

*-pinda-pinda-pinda-pinda

Estes dados vêm confirmar a noção que se tem de que a reduplicação nesta língua tem por finalidade “expressar acções iterativas descritas pelos verbos”, não podendo por isso ser “re-reduplicados os temas verbais reduplicados se visarmos esse fim iterativo” Langa (2001:31).

Na nossa análise, constatamos ainda, da ocorrência de verbos que apesar de fazerem parte do léxico da língua, têm um comportamento fora do comum em relação a outros verbos pois, embora morfologicamente semelhantes aos demais, repelem a reduplicação total e, temos a percepção de que o mesmo poderá acontecer com a reduplicação parcial. são os casos seguintes:

(15) a.* -tsula-tsula

b. *-kula-kula

c.* -tshura-tshura

d.* -bhiha-bhiha

e.*-hefemula-hefemula

Estes verbos repelem a reduplicação total por motivos diferentes. O exemplo (15a) que na sua existência autónoma o verbo é *-tsula*, que significa *ir* na forma não reduplicada, não aceita a reduplicação porque a acção de *ir* realiza-se uma vez por cada momento e só depois de regressar se pode *ir* outra vez, nunca de forma repetitiva. O que pode acontecer é ter muitas pessoas a realizarem a acção de *ir* (*kutsula*) e, sendo assim, recorrer-se-ia à extensão applicativa –el escrevendo-se -*tsulela*.

O verbo (15b) não aceita a reduplicação porque exprime uma acção cuja realização não depende da pessoa (*kukula*), que significa crescer, é uma acção intrínseca, contínua e não, repetitiva. O mesmo se pode afirmar em relação a(15e). *-hefemula* (respirar) não é nenhuma acção iterativa. A sua ocorrência está fora das capacidades de controlo humano, realiza-se continuamente.

Os exemplos (15c) e (15d) exprimem factos também não passíveis de repetições (*kutshura*), significando ser bonito/a e (*kubhiha*) ser feio/a. Estes verbos funcionam como qualificadores ou adjectivos nesta língua. Cunha & Cintra (2001:180) definem adjectivo como “um modificador do substantivo e serve para caracterizar os seres, objectos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando lhes uma qualidade ou defeito, modo de ser, aspecto ou aparência e estado.” Sendo então verbos que desempenham a função de qualificadores, e o que referem são qualidades, por conseguinte, as qualidades não podem ser expressas através da reduplicação.

Como refere Ngunga (2004:186), “em algumas línguas, a reduplicação total normal permite a afixação de material morfológico, quer derivacional quer flexional, tanto ao reduplicante como ao reduplicado.” Na língua chope, os dados revelam nos que a reduplicação total normal somente permite a inserção de afixos na posição sufixal do radical reduplicado. Observemos os exemplos:

- (16) -bhika-bhiketa ‘cozer repetidas vezes’
-ndaka-ndakela ‘saltar algo repetidas vezes’
-dhinda-dhindela ‘trovejar repetidas vezes’
-dheda-dhedisa ‘fazer andar uma criança repetidas vezes’
-peka-pekide ‘ter batido repetidas vezes’

Os sufixos a que aludimos, destacados a negrito no exemplo (16), são fundamentalmente extensões derivacionais e marca de tempo perfectivo.

Se tais sufixos ocorrerem sobre o reduplicante, resultam uma construção agramatical ou estranha. Podemos ilustrar com o seguinte exemplo:

- (17) *giyeleka -giyela
*ndakela-ndaka
txhoveta-txhova?
*dulela-dula

Como sustenta Ngunga (2004), independentemente do tipo de língua, os prefixos não são reduplicados, estes, ocorrem na “posição inicial da estrutura reduplicada” (idem:187). O chope, não apresenta e nem representa uma exceção.

Dentro das estruturas verbais em análise, há casos em que alguns verbos se comportam como compostos reduplicados não decomponíveis, em que não se pode separar o reduplicante do reduplicado. Observemos os exemplos:

- (18) -wombawomba 'falar'
 -gamagama / -namanama 'agarrar sem largar'
 -kanakana 'duvidar'
 -zulazula 'andar repetidamente sem descansar'

Nos exemplos em (18) não é possível desagregar os componentes dos verbos, e por consequência, não se pode distinguir o reduplicante do reduplicado. Constituem formas verbais reduplicadas indivisíveis ou fossilizadas.

Uma tentativa de separação produz bases inexistentes nesta língua ou agramaticais. Exemplos:

*-gama

*-kana

*-zula

Estas bases não fazem parte do dicionário da língua chope por isso não constituem unidades lexicais morfológica e semanticamente aceitáveis.

A terminar a análise dos dados na perspectiva da reduplicação total normal, observamos que, numa forma geral os verbos com estrutura -CVC- ou estrutura mais longa respondem aos requisitos morfológicos que acomodam a reduplicação total normal. As restrições são de natureza semântica.

Seguidamente passamos à análise das condições que regem a reduplicação parcial.

1.2 A reduplicação parcial

Este conceito foi objecto de definição de vários estudiosos e especialistas na área linguística.

Ngunga (1998:7), diz que, “nos temas parcialmente reduplicados o reduplicante ocorre na posição prefixal da base, é constituído somente pela primeira sílaba desta. Spencer (1991) sustenta posição segundo a qual pode ser reduplicada toda a sílaba ou sequência delas ou ainda simplesmente uma consoante ou uma vogal, posição esta, vinca o carácter parcial da reduplicação.

Ngunga (2004) citando Matthews (1974) afirma que há reduplicação parcial quando uma parte da base é repetida.

Depois desta breve retoma dos fundamentos teóricos, tomemos em atenção os dados seguintes:

- (19) -bhwabhwata ‘falar’
 -bwabwata ‘bater palmas’
 -tsetseta ‘peneirar amendoim ou qualquer farinha’
 -hehera ‘peneirar milho tirando farelo ou outra substância n/ comestível’
 -dudumela ‘tremar’

Estes dados, são alguns dos casos da reduplicação parcial, sendo a sílaba destacada a negrito aquela em que há repetição ou foi copiada em parte.

“As formas parcialmente reduplicadas, indicam micro-repetições da acção ou evento a nível interno do tema verbal” Ngunga (1998:8). Isto significa que uma acção ou acontecimento que externamente pode ser visto como uno, internamente é constituído por vários segmentos de repetições.

Da observação realizada aos dados acima, pode-se compreender efectivamente que os temas verbais que à primeira vista ou numa análise superficial parecem não conter nenhuma ideia de repetição ou iteratividade, de facto todos exprimem tal sensação repetitiva.

Vamos sustentar este argumento com alguns, exemplos:

Kubwabwata da língua chope que significa bater palmas, não é uma acção única de juntar batendo uma palma à outra, é sim, uma contínua e sucessiva acção de bater uma palma à outra. São esses micro-repetições de batimentos que configuram aquilo que superficialmente parece uma única acção de bater palmas.

O mesmo se pode entender em relação a outros verbos que indicamos anteriormente, tal é o caso de kubhwabhata ou falar. Através da fala exprimimos os sentimentos, ideias ou pensamentos mas, para tal produzimos vários e sucessivos movimentos labiais juntando e separando os lábios da boca.,é nessa quase interminável sucessão de movimentos labiais que se produz que externamente é único acto, o discurso.

Kubhwabhata não se resume num acto único e instantâneo, é de facto esta repetição de pequenos movimentos labiais produzindo sons que agrupados são uma ideia, sentimento etc.

Tendo a reduplicação atingido somente uma “ínfima” parte (parcial) do tema ou base verbal, constata-se que, contrariamente aos temas totalmente reduplicados, os reduplicados parcialmente são susceptíveis de serem re-reduplicados sem que disso resulte uma construção agramatical. Confira-se os exemplos:

(20) -tsetseta-tsetseta ‘peneirar repetidamente’

- <u>tshotshota</u> - <u>tshotshota</u>	'descascar repetidamente amendoim'
- <u>dudumela</u> - <u>dudumela</u>	'tremar repetidamente'
- <u>bwabwamela</u> - <u>bwabwamela</u>	'afundar repetidamente'
- <u>ruruvisa</u> - <u>ruruvisa</u>	'puxar repetidamente'
- <u>dzudzela</u> - <u>dzudzela</u>	'sacudir repetidamente'

Estes exemplos confirmam o que anteriormente afirmamos. Quase todos "os temas verbais parcialmente reduplicados" podem acolher um segundo processo reduplicativo para efeito de exprimir "ideia de quantidade de vezes em que o conjunto das micro-repetições descritas pelo verbo é repetido" Langa (2001:35).

Não obstante o facto de os verbos parcialmente reduplicados possuírem uma estrutura relativamente flexível em termos de acolhimento da re-reduplicação, também impõem algumas restrições à tentativa de re-reduplicação do "constituente ou sílaba reduplicada" parcialmente Langa (*idem*).

Prestemos a nossa atenção aos exemplos abaixo:

- (21) *-sususumeta
 *-dzudzudzutela
 *-tsetsetsetela
 *-hehehehera

O sublinhado indica a sílaba re-reduplicada, da qual resulta a agramaticalidade da construção.

Entre a reduplicação parcial e a total ou completa normal há algumas semelhanças.

Os morfemas parcialmente reduplicados funcionam como "compactos" lexicais pois

não permitem a inserção de material lexical no meio. Este, somente pode ser introduzido na posição final de toda a palavra. Confira-se os exemplos:

(22)a.*-bwaisbwamela

b.*-tseistseta

c.*-suetsumeta

d. -bwabwameta 'fazer afundar'

e. -dzudzelisa 'fazer sacudir'

f. -susumetela 'empurrar frequentemente'

Nos exemplos dados em (22) houve inserção de algumas extensões destacadas a negrito em (22a,b,c) entre as sílabas parcialmente reduplicadas, o que resultou construções agramaticais. Quanto aos exemplos (22d) -bwabwameta, (22e) -dzudzelisa e f. -susumetela houve também inserção de algumas extensões na posição final dos verbos parcialmente reduplicados tendo obliterado apenas o aspecto semântico destes mas, não afectaram a sua gramaticalidade.

Neste aspecto, os verbos parcialmente reduplicados têm semelhança com os totalmente reduplicados na medida em que estes também repelem qualquer material lexical inserido entre o reduplicado e o reduplicante criando "palavras" não existentes na língua caso algo seja inserido.

No início deste capítulo referimos que as estruturas verbais dividem-se em dois grupos:

Estruturas do tipo -CVC- ou mais longas e estruturas constituídas somente por uma consoante -C- .

O ponto seguinte será dedicado à análise desse tipo de estruturas verbais.

2. Reduplicação de radicais verbais de estrutura do tipo -C-

Os radicais deste tipo são constituídos por uma única consoante -C- e por isso não formam nenhuma sílaba, razão pela qual são designados assilábicos. São estruturas que existem em várias línguas, em particular as do grupo bantu.

Embora ocorram em diversas línguas, estão em proporção bastante reduzida em comparação com os radicais do tipo discutido no ponto anterior (-CVC- e mais longos).

Na análise deste tipo de radicais, Ngunga (2004) refere que “exibem diferentes tipos de comportamento nas diferentes línguas.”

Qual é o seu comportamento na língua chope? Eis a questão que vamos procurar responder nesta subsecção.

Observe-se os dados que a seguir se apresentam:

- (23) -wa- ‘cair’
- dya- ‘comer’
- hya- ‘queimar-se alguém ou algo’
- ca- ‘amanhecer’
- nya- ‘defecar’

Os radicais que aqui estão expostos são de facto formados por apenas uma consoante seguida pela inevitável e invariável vogal final no infinitivo -a.

Em condições normais de reduplicação total, a nossa expectativa é que tais temas iriam reduplicar de maneira seguinte:

(24)* -wa-wa

*-dya-dya

*-hya-hya

*-ca-ca

*-nya-nya

Destes exemplos se observa que a reduplicação total não é aplicável a este tipo de radicais, razão da agramaticalidade resultante da tentativa de prefixação de um reduplicante sobre a base. Isto significa que tais radicais não satisfazem o “requisito básico” necessário para que possa ocorrer a reduplicação normal, que consiste em possuir pelo menos uma sílaba Ngunga (2004). Dai, este mecanismo é nulo para exprimir a iteratividade na língua chope.

Para superar a “insuficiência morfológica” que impede que as bases acima referidas possam reduplicar, a língua adopta outros mecanismos, especialmente, o recurso a extensão verbal frequentativa ou iterativa -etel-, que “indica a frequência, repetição e reiteração diminuída da acção” Siteo (1996:324)

Consideremos os exemplos:

- | | |
|-----------------|----------------------------|
| (25) -fetetela- | ‘morrer frequentemente’ |
| -wetetela- | ‘cair repetidamente’ |
| -nyetetela- | ‘defecar repetidamente’ |
| -hyetetela- | ‘queimar-se repetidamente’ |

Dos exemplos, observamos que a ideia de repetição nos radicais desta natureza é expressa através de adjunção de uma extensão frequentativa ao radical. Pois, como refere Siteo (idem:322), “as extensões verbais afectam o significado de um verbo dando-lhe os mais variados matizes”. É nessa sequência que se conclui que de facto os radicais com esta particularidade se possam socorrer da extensão -etel- para dar ideia de repetição. Mas como a afixação da referida extensão à

consoante/ base não cobre a insuficiência fonológica da base, acrescenta-se uma “sílabas extra” -et- que serve de ponte entre o reduplicante e a extensão acrescida Ngunga (2004).

Para o mesmo efeito (iterativo) os radicais com estas características além da extensão -etel- na sua íntegra, elidem o dígrafo constituído pelas iniciais (-et-) encurtando-a e tomando a forma -el-, forma essa que se pode confundir com a extensão applicativa, quando na essência é a mesma repetitiva na sua forma reduzida. Tomemos em atenção os exemplos:

- (26) -tela ‘vir repetidamente’
-fela ‘morrer repetidamente’
-wela?? ‘cair repetidamente’
-nyela ‘defecar repetidamente’
-dyela ‘comer repetidamente’

Passamos a complementar os verbos com as frases seguintes:

a. Vathu va fela ngu Sida

‘pessoas morrem repetidamente de Sida’

b. vanana vadyela mamanga

‘crianças comem repetidamente mangas’

Confrontando os exemplos (25), (26), juntamente com as frases (26)a. e (26)b.

temos a percepção de que na língua chope os radicais assilábicos exprimem a iteratividade sob duas formas da mesma extensão: “a forma integral ou plena” e a forma reduzida.



Nesta língua, alguns verbos de radicais do tipo -CVC-, além de expressarem a iteratividade reduplicando o tema verbal, também o fazem através da sufixação a estes, da extensão que temos vindo a referir. Prestemos atenção aos exemplos:

(27) -peka	'bater'	-peketela	'bater repetidamente'
-ndaka	'saltar'	-ndaketela	'saltar repetidamente'
-teka	'levar'	-teketela	'levar repetidamente'
-kwela	'subir'	-kweletela	'subir repetidamente'

Nos exemplos em (27), destacada está a extensão frequentativa em radicais do tipo -CVC- e com ela exprime-se a repetição, enquanto que também em ilustrações anteriores verificamos que para o mesmo efeito estes verbos recorrem à reduplicação do tema verbal.

A selecção entre uma forma e outra (plena ou curta) da extensão repetitiva é determinada pelo contexto sintáctico e pela estrutura morfológica do radical.

Tomemos em atenção as frases:

(28) a. Kokwane, wa dayela tiphongo tacidilo

'O Avô mata repetidas vezes cabritos para a parental²,

c. Zanildo wa wisetela mindonga yo sina.

'O Zanildo faz cair repetidamente árvores (trancos) podres'

d. Léslie wasongisela tiphande ta nyumba.

'O Léslie adelgaça as estacas/ pilares da casa'

Como referimos, de acordo com o contexto pudemos ainda identificar, que há radicais verbais bastante flexíveis, que assimilam os três mecanismos iterativos, nomeadamente:

1º- reduplicam prefixando um reduplicante ao reduplicado: -ndaka-ndaka

consideremos a frase:

João, ndaka-ndaka hicina kuninga male

'João, salte repetidamente para te darmos dinheiro'

2º- exprimem a repetição acolhendo como sufixo a extensão frequentativa na sua

forma plena: ndaketela

Observemos a frase:

João, ndaketela maphala otshe ucina huluka

'joão, salte repetidamente as covas para escapares'

3º- veiculam iteratividade inserindo na posição sufixal a forma reduzida da

extensão frequentativa: ndakela.

Consideremos a frase:

'João, ndakela sotshe sitsha hanndzila'

'João, salte repetidamente todos os cepos pelo caminho'

Casos como este, em que um único radical verbal aceita todos os mecanismos que exprimem a iteratividade, são muito raros mas, como se viu, ocorrem nesta língua.

Das nossas observações constatamos que as raízes do tipo -C- exprimem repetição sem recorrer à reduplicação, mas inserindo uma extensão que altera e introduz sobre a raiz o sentido repetitivo. Assim, podemos concluir que a reduplicação não é somente um processo morfológico mas também, de natureza semântica.

Em radicais assilábicos, os morfemas referentes à flexão em tempo, particularmente o perfectivo, realizam-se na posição final, à direita da extensão frequentativa e, se fôr na sua forma reduzida, opera-se um processo de

² Missa em sufrágio de defuntos familiares (parentes).

substituição desta pela marca de tempo (MT), mantendo-se porém o afixo ponte (-et-).

Observe-se os exemplos:

(29) -ndaketela 'saltar repetidamente'

-ndaketede 'saltou'

-guletela 'levantar/carregar repetidamente'

-guletede 'levantou/carregou repetidamente'

O sublinhado é morfema marca do tempo (passado). Os exemplos demonstram-nos que os verbos com extensão frequentativa, a MT, ocorre na posição final da extensão, operando-se algumas transformações morfológicas para poder-se acomodar o morfema em causa.

Tratando se da frequentativa curta, esta sofre um apagamento e em seu lugar insere-se a marca do perfectivo. Exemplos:

(30) -ndakela 'saltar repetidamente'

-nadkede 'saltou'

-gulela 'levantar/carregar repetidamente'

-gulede 'levantou/ carregou repetidamente'

Nos em exemplos anteriores (30), há evidências de que onde ocorre o morfema de tempo perfectivo há obliteração da repetitiva curta.

Do mesmo modo que verificamos em radicais -CVC- e mais longos, as bases total ou parcialmente reduplicadas não aceitam a re-reduplicação, os assilábicos idem, rejeitam um segundo processo de afixação de extensão para exprimir repetição de uma acção. Tomemos em consideração os exemplos:

(31)* -teketela-teketela

* -fayetela-fayetela

* -gohetela-gohetela

* -fembetela-fembetela

Entendemos que a agramaticalidade explica-se pelo facto de que só a afixação da extensão, tem por finalidade indicar existência da repetição, isto é, uma reduplicação da acção, por conseguinte, seria contraproducente voltar a reduplicar com mesma intenção (redundância).

Tendo passado em análise os diferentes tipos de radicais, quanto às modalidades que adoptam na reduplicação, agora passamos ao último capítulo deste trabalho, as conclusões e recomendações.

V- Conclusões e recomendações

1. Conclusões

Na introdução do presente trabalho, a nunciamos que nos propúnhamos a fazer uma descrição do processo de reduplicação verbal na língua chope, dando enfoque ao processo morfológico.

Das abordagens aqui apresentadas, tiramos a ilação de que, a reduplicação é um processo linguístico existente em diferentes línguas, com finalidades comunicativas específicas. O Chope não é caso isolado. O valor semântico desta depende da realidade de cada uma, pode exprimir o tamanho, o plural, o modo perfectivo, frequência, repetição e também é usada como atenuativo. Os dados da língua de estudo provam nos que, a reduplicação é um recurso que a própria língua encontra para exprimir frequência e repetição de acções. Ela realiza-se sob duas formas: total e parcial.

Constatamos ainda, que os verbos reduplicados têm os seus correspondentes não reduplicados, e que quando submetidos a processos reduplicativos passam a constituir compostos que impõem restrições à repetição do processo.

Nesta língua, a reduplicação total normal somente permite a inserção de afixos na posição sufixal do radical reduplicado, fundamentalmente as extensões derivacionais e marca de tempo passado (MT), se tais sufixos ocorrerem sobre o reduplicante resultam uma construção agramatical ou estranha. Também identificamos a existência de formas verbais reduplicadas indivisíveis ou fossilizadas e que uma tentativa de separação produz bases inexistentes nesta língua ou a agramaticalidade.

Somente os verbos ou radicais com estrutura -CVC- ou mais longa reúnem requisitos morfológicos que acomodam a reduplicação total normal e parcial.

Alguns destes radicais além de expressarem a iteratividade reduplicando o tema verbal, também o fazem através de sufixação da extensão frequentativa. Nestes verbos, o sufixo do perfectivo ocorre na posição final da extensão, operando-se algumas transformações morfológicas para se acomodar o morfema em causa (MT).

As raízes assilábicas só exprimem repetição através da adjunção da extensão frequentativa na sua forma íntegra ou na forma reduzida. Quer este tipo de raiz quer do tipo acima referido, estabelecem restrições à re-afixação de extensões ou re-reduplicação com finalidade iterativa.

Analisadas todas as constatações concluímos que, a reduplicação nesta língua é bastante produtiva, pois para além de gerar novas palavras reduplicando parcial ou totalmente as bases. Também produz novas unidades lexicais recorrendo à

extensão repetitiva. As restrições que se têm verificado se devem à constituição estrutural de cada unidade lexical. Assim, os dados validam a hipótese que tínhamos como resposta provisória ao problema que se levantava para a realização do presente trabalho: será que na língua chope a reduplicação é um processo produtivo que gera novas palavras?

2. Recomendações

O estudo que realizamos foi meramente descritivo e julgamos não ter esgotado o espaço para futuros trabalhos. Cientes das dificuldades e lacunas de análise e conclusões que o nosso trabalho possa apresentar, recomendamos que estudos futuros sobre o tema possam ser feitos e com um leque maior de dados, métodos diversificados, provavelmente se consiga explicar melhor os contextos em que se usa a extensão frequentativa plena e quais aqueles em que se emprega a curta ou reduzida.

Há literatura que postula poder-se exprimir também o plural com recurso à reduplicação. Neste contexto, recomendamos que trabalhos próximos possam incidir sobre este aspecto no sentido de potenciar os estudiosos e interessados com mais informação sobre a matéria.

Ao longo deste trabalho ficamos com a percepção de que o verbo reduplicado além de exprimir frequência e provavelmente o plural, dependendo do contexto, pode também assumir diferentes sentidos. Nesta sequência recomendamos ainda, que trabalhos de pesquisa futuros possam ter em conta este aspecto.

BIBLIOGRAFIA

- Bauer, L.** (1988). *Introducing linguistic Morphology*. J.W. Arrowsmith LTD, great Britain.
- Bosch, T.** (1998). *HandBook Of IsiZulu*. Pretória: J.L. Van Schaik (Pty), Ltd.
- Chimbutane, F.S.** (2000). Grammatical Functions in Changana: Types, Properties, and Functions alternations. Dissertação de mestrado em Linguística. Austrália: Australian National University. (Não publicada).
- Cunha, C.& Cintra, L.** (2001). *Gramática do Português Contemporâneo*. 14ª Edição. Lisboa: edições João Sá da Costa.
- De Matos, L. C.** (1973). *As Origens do Povo Chope segundo a Tradição Oral*. Lourenço Marques: IICM.
- Dicionário de Língua Portuguesa* (s/d). Porto: Editorial Domingos Barreira.
- Dos Santos, L. F.** (1941). *Gramática da Língua Chope – Português e Português Chope*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional.
- Fortune, G.** (1957). *Elements of Shona*. Longman Zimbabwe (PVT) Limited. Tourie Road Arbdennie. Harare.
- Giddens, A.** (1997). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gileason, Jr.** (1955). *Introdução à Linguística Descritiva*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guthrie, M.** (1971). *Comparative Bantu: An introduction to the Comparative Linguistics and prehistory of the Bantu Languages*. London: Gregg International publishers Ltd.
- Harland, M.** (1988). *The Collins Portuguese Pocket Dictionary*. London and Glasgow: Collins.

- Jensen, J.T. (1990). *Morfology: Word Structure In Generative Grammar*. Amsterdam: Benjamin,s B.V.
- Katamba, F. (1993). *Morfology*. New York: St. Martin's Press.
- Langa, D.S (2001). *A Reduplicação Verbal em Xichangana*. Dissertação de Licenciatura em Linguística. Maputo: Faculdade de Letras, Universidade Eduardo Mondlane.
(Não publicada)
- Luft, C. P. (1986). *Novo Manual de Português*. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Editora Globo.
- Maheme, António (2003). *O ABC das Escolas Comunitárias*. Maputo: Edições Paulistas
- Mateus, M. Brito, A. Duarte,I. Faria, I. (1989). Gramática da Língua Portuguesa. 2ª Edição. Lisboa: Editora Caminho.
- Matthews, P.H.(1974). *Morfology:An Introduction to the Theory of word-Struture*. Cambridge: CUP.
- Miranda, N. (2005). *A Reduplicação Verbal em Gitonga*. Relatório para obtenção do grau de Licenciatura em Linguística. Maputo: Faculdade de Letras & Ciências sociais Universidade Eduardo Mondlane.(Não publicado).
- Ngunga, A.S. (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária, UEM.
- Ngunga, A.S. (1998). *Reduplicação do Tema verbal em Yao*. Maputo: V Congresso Luso-Afro-Brasileira.
- Sitoe, B.& Ngunga, A. (2000). *Relatório do Segundo Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO
- Sitoe, B. (1996). *Dicionário Changana Português*. Maputo: INDE.
- Spencer, A. (1991). *Morfological Theory: An Introduction to World Structure in Generative Grammar*. Basil Black Well.
- Xavier, M. & Mateus, M. (1992). *Dicionários de Termos Linguísticos*. Vol. II Lisboa: Cosmo.

Anexo I

Corpus

verbos de estrutura tipo -CVC- e mais longa totalmente reduplicados

forma não redupl	Glossário	forma reduplicada	Glossário
1 ku-ambala	'vestir'	ku-ambala-ambala	vestir repetidamente'
2 ku-bhabha	'tentar convencer'	ku-bhabha -bhabha	tentar convencer repet'
3 ku-bala	'escrever'	ku-bala -bala	escrever repetida/
4 ku-bamba	'tentar'	ku-bamba -bamba	tentar repetidamente'
5 ku--banga	'ser rijo'	ku-banga -banga	ser rijo repetidamente'
6 ku-bela	'entrar'	ku-bela -bela	entrar repetidamente'
7 ku-beta	'introduzir/meter'	ku-beta -beta	introduzir repetida/
8 ku-bhandeka	'rachar/ arrebetam'	ku-bhandenka-bhandek	rachar repetidamente'
9 ku-bhaya	'esfaquear'	ku-bhaya -bhaya	esfaquear repetida/
10 ku-bhika	'cozinhar'	ku-bhika -bhika	cozinhar repetida/
11 ku-bika	'queixar -se'	ku-bika -bika	queixar se repetida/
12 ku-bhonga	'berrar'	ku-bhonga -bhonga	berrar repetidamente'
13 ku-bhula	'conversar'	ku-bhula -bhula	conversar repetida/
14 ku-bhiya	'vedar'	ku-bhiya -bhiya	vedar repetidamente'
15 ku-bonga	'agradecer'	ku-bonga -bonga	agradecer repetida/
16 ku-dhana	'chamar'	k-udhana -dhana	chamar repetidamente'
17 ku-dheda	'aprender a andar'	ku-dhedha -dhedha	'aprender andar repetid'
18 ku-dhedhereka	'cambaleiar/ tropeções'	ku-dhedhereka -dhedhe	cambaleiar repetida/
19 ku-dhina	'espicaçar'	ku-dhina -dhina	espicaçar repetida/
20 ku-dhinda	'trovejar'	ku-dhinda-dhindha	trovejar repetidamente'
21 ku-dhunda	'gostar'	ku-dhunda -dhunda	gostar repetidamente'
22 ku-dhusa	'assustar/ espantar'	ku-dhusa -dhusa	assustar repetida/
23 ku-dila	'chorar'	ku-dila- dila	chorar repetidamente'
24 ku-dima	'cultivar'	ku-dima -dima	cultivar repetidamente'
25 ku-vindza	'arremessa algo'	ku-vindza-vindza	arremessar repetidamente'
26 ku-dula	'arrancar'	kudula -dula	arrancar repetida/
27 ku-ema	'estar de pé'	kuema -ema	estar de pé repetida/
28 ku-engisa	'ouvir / escutar'	kuengisa -engisa	ouvir repetidamente'
29 kuf-aya	'quebrar/ partir'	kufaya-faya	quebrar repetidamente'
30 ku-femba	'farejar'	kufemba -femba	farejar repetidamente'
31 ku-fuma	'governar'	ku-fuma -fuma	governar repetida/
32 ku-futeta	'soprar'	ku-futeta- futeta	soprar repetidamente'
33 ku-jika	'contornar/desviar'	ku-jika -jika	contornar/ desviar repetida/
34 ku-jiyela	'estar emperrado'	ku-jiyela -jiyela	repetida/emperrado'
35 ku-ndaka	'saltar'	ku-ndaka -ndaka	saltar repetidamente'
36 ku-ndinda	'puxar'	ku-ndinda -ndinda	puxar repetidamente'
37 ku-futumeta	'aquecer água'	ku-futumeta -futumeta	'aquecer repetida/

38 ku-ghiya	' rigozizar-se '	ku-giya -giya	rigozizar-se repetida/
39 ku-ghonda	' estudar '	ku-gonda -gonda	estudar repetidamente'
40 ku-gwesa	' tocar '	Ku-gwesa-gwesa	' toca repetidas vezes '
41 Ku-kweta	' fazer subir '	Ku-kweta- kweta	fazer subir repetida/
42 Ku-tshumeta	' levar de volta '	Ku-tshumeta- tshumeta	levar de volta repetida/
43 Ku-tumela	' aceitar '	Ku-tumela-tumela	aceitar repetidamente'
44 Ku-thumisa	' usar ou utilizar '	Ku-thumisa- thumisa	utilizar repetidamente'
45 Ku-pfhuta	' apagar '	Ku-pfhuta- pfhuta	apagar repetidamente'
46 ku-nunga	' cheirar '	Ku-nunga- nunga	'cheirar repetidamente'
47 ku-dzudza	' sacudir '	ku-dzudza-dzudza	sacudir repetidamente'
48 ku-gela	' dizer '	Ku-gela -gela	dizer repetidamente'
49 ku-gula	'carregar/evantar'	Ku-ghula -ghula	levantar algo repetida/
50 ku-hála	' ferver '	Ku-hála -hála	ferver repetidamente'
51 ku--hàla	'tirar carvão em brasa'	Ku-hàla -hàla	tirar carvão em brasa repet/
52 ku-hosa	' falhar à pontaria '	Ku-hosa -hosa	falhar à pontaria repetida/
53 ku-hisa	' queimar/ fazer calor'	Ku-hisa -hisa	queimar/aquecer repetida/
54 ku-lambha	' recusar -se '	Ku-lambha -lambha	recusar-se repetidamente'
55 ku-lamula	' mediar um problema'	Ku-lamula -lamula	mediar problemas repetida/
56 ku-luma	morder'	Ku-luma -luma	morder repetidamente'
57 ku--luala	adoecer'	Ku-luala -luala	adoecer repetidamente'
58 ku-luva	fazer oferendas'	ku-luva -luva	fazer oferendas repetida/
59 ku-risaa	apascentar'	ku-risa-risa	apascentar repetidamente'
60 ku-malata	fazer calar'	ku-malata -malata	fazer calar repetidamente'
61 ku-mita	engolir'	ku-mita -mita	engolir repetidamente'
62 ku-mila	germinar'	ku-mila -mila	germinar repetidamente'
63 ku-minya	coar'	ku-minya -minya	coar repetidamente'
64 ku-mana	encontrar'	ku-mana -mana	encontrar repetidamente'
65 ku-nengela	ansiar'	ku-nengela -nengela	ansiar repetidamente'
66 ku-nwola	pegar/ segurar'	ku-nwola -nwola	pegar repetidamente'
67 ku-divala	esquecer'	ku-divala -divala	esquecer repetidamente'
68 ku-daya	matar'	ku-daya -daya	matar repetidamente'
69 ku-dhunuka	transpirar'	ku-dhunuka -dhunuka	transpirar repetidamente'
70 ku-fukula	desenterrar'	ku-fukula -fukula	desenterrar repetidamente'
71 ku-huphuta	sacudir'	ku-huphuta -huphuta	sacudir repetidamente'
72 ku-nawuluta	estender'	ku-nawuluta -nawuluta	estender repetidamente'
73 ku-bvilusa	turvar'	ku-bvilusa -bvilusa	turvar repetidamente'
74 ku-gigiseka	atrapalhar-se'	ku-gigiseka -gigiseka	atrapalhar se repetidamente'
75 ku-samba	tomar banho'	ku-samba - samba	tomar banho repetidamente'
76 ku-ruruvisa	puxar c/ demasiada força	ku-ruruvisa-ruruvisa	puxar forçosa/repetidamente'
77 ku-susumeta	empurrar'	ku-susumeta-susumeta	empurrar repetidamente'
78 ku-kanda	pisar'	ku-kanda-kanda	pisar repetidamente'
79 ku-funya	partir'	ku-funya-funya	partir repetidamente'
80 ku-maha	fazer'	ku-maha	fazer repetidamente'
81 ku-puruma	voar'	ku-puruma-puruma	voar repetidamente'

82 ku-baruka	enlouquecer'	ku-baruka-baruka	enlouquecer repetidamente'
83 ku-elula	colher'	ku-elula-elula	colher repetidamente'
84 ku-phaya	semear'	ku-phaya-phaya	semear repetidamente'
85 ku-dota	pescar'	ku-dota-dota	pescar repetidamente'
86 ku-fuya	criar/ domesticar'	ku-fuya-fuya	criar/domesticar repetid'
87 Ku-phindula	madrugar'	Ku-phindula-phindula	madrugar repetidamente'
88 ku-welwa	molhar de chuva'	ku-welwa-wela	'molhar dechuva repetid'
89 ku-khindzuka	acordar aos sobressaltos	ku-khindzuka-khindzuka	'acordar sobressalt repetid/'
90 ku-xixita	urinar'	ku-xixita-xixita	'urinar repetidamente'
91 ku-asamula	bocejar'	ku-asamula-asamula	bocejar repetidamente'
92 ku-ganga	cortar a catana/machado	ku-ganga-ganga	cortar repetidamente'
93 ku-tshotsha	deitar'	ku-tshotsha-tshotsha	deitar repetidamente'
94 ku-mwalata	perder'	ku-mwalata-mwalata	perder repetidamente'
95 ku-dziva	saber/ ter conhecimento	ku-dziva-dziva	saber repetidamente'
96 ku-wona	ver'	ku-wona-wona	ver repetidamente'
97 kututuma	correr'	kututuma-tutuma	correr repetidamente'

b) Verbos reduplicados no presente

Forma não reduplicada

98 va-sela	eles bebem	vasela - sela	eles bebem repetidamente'
99 va-xava	eles compram	vaxava - xava	eles compram repetidamente'
100 va-sakana	eles brincam	vasakana - sakana	eles brincam repetidamente'
101 va-xamala	eles admiram	vaxamala - xamala	eles admiram repetidamente'
102 va-seka	eles riem	vaseka - seka	eles riem-se repetidamente'
103 va-teka	eles levam	vateka - teka	eles levam repetidamente'
104 va-thumisa	eles usam	vathumisa - thumisa	eles usam repetidamente'
105 va-fenengeta	eles cobrem/tapam	vafenengeta - fenengeta	eles cobrem repetidamente'
106 va-sogisa	eles adelçam	vasogisela - sogisela	eles adelçam repetidamente'
107 va-thava	eles recebem	vathava - thava	eles recebem repetidamente'
108 va-randa	eles amam	varanda - randa	eles amam repetidamente'
109 va-humula	eles descansam'	vahumula - humula	eles descansam repetidamente'
110 va-khigela	eles encostam'	vakhigela - khigela	eles encostam repetidamente'
111 va-khála	eles reclamam'	vakhála - khála	eles reclamam repetidamente'
112 va-peka	eles batem'	vapeka - peka	eles batem repetidamente'
113 va-pakela	eles carregam'	vapakela - pakela	eles carregam repetidamente'
114 va-kwela	eles sobem'	vakwela - kwela	eles sobem repetidamente'
115 va-vherula	eles rasgam'	vavherla - vherula	eles rasgam repetidamente'
116 va-phinduka	eles convertem -se'	vaphinduka - phinduka	eles convertem-se repetidamente'
117 va-phinyawuka	eles contorcem -se'	vaphinyawuka - phinyawuka	eles contorcem-se repetidamente'
118 va-hophosa	eles disparam'	vahophosa - hophosa	eles disparam repetidamente'
119 va-giya	eles rigozijam- se'	vagiya - giya	eles rigozijam-se repetidamente'
120 va-pfhuta	eles apagam'	vapfhuta - pfhuta	eles apagam repetidamente'

121 va-kasa	eles gatinham'	vakasa - kasa	eles gatinham repetidamente'
122 va-kombela	eles pedem'	vakombela - kombela	eles pedem repetidamente'
123 va-chukucha	eles esfregam'	vachukucha - chukucha	eles esfregam repetidamente'
124 va-tsimbila	eles andam'	vatsimbila -tsimbila	eles andam repetidamente'
125 va-gwira	eles gingam'	vagwira - gwira	eles gingam repetidamente'
126 va-lamba	eles recusam -se'	valamba - lamba	eles recusam-se repatidamente'
127 va-xolela	eles espreitam'	vaxolela - xolela	eles espreitam repetidamente'
128 va-pinda	eles passam'	vapinda - pinda	eles passam repetidamente'
129 va-kukuvala	eles encolhem -se'	vakukuva - kukuvala	eles encolhem repetidamente'
130 va-goha	eles pecam/estragam'	vagoha - goha	eles pecam/estragam repetidamente'

c) Verbos reduplicados no futuro

131 vana-sinya	eles dançarão'	vanasinya - sinya	eles dançarão repetidamente'
132 vana-sola	eles lamentarão'	vanasola - sola	eles lamentarão repetidamente'
133 vana-xaniseka	eles sofrerão'	vanaxaniseka - xaniseka	eles sofrerão repetidamente'
134 vana-peta	eles dobrarão'	vanapeta - peta	eles dobrarão repetidamente'
135 vana-lora	eles sonharão'	vana-lora - lora	eles sonharão repetidamente'
136 vana-losa	'eles cumprimentarão'	vana-losa - losa	eles cumprimentarão repetida/
137 vana-lomba	pedirão emprestado'	vana-lomba - lomba	pedirão emprestado'
138 vana-hanyisa	eles farão viver'	vana-hanyisa - hanyisa	eles farão viver repetida/
139 vana-ruketela	eles insultarão'	vana-ruketela-ruketela	eles insultarão repetida/

verbos de estrutura -C-

140 kuwa	cair	wetetela	cair repetidamente
141 ku-dya	comer	dyela	comer repetidamente
142 ku-ca	amanhecer	*	
143 ku-swa	anoitecer	*	
144 ku-nya	defecar	nyela	defecar repetidamente
145 ku-bha	roubar	bhela	roubar repetidamente
146 ku-fa	morrer	fetetela/fela	morrer repetidamente
147 ku-ha	dar/oferecer	hetetela???	dar repetidamente
148 ku-ta	vir	tela	vir repetidamente
149 ku-pwa	sentir/provar	pwetetela	sentir/provar repetidamente
150 ku-aka	construir	aketela	construir repetidamente